

Crítica // Uma batalha após a outra

Uma batalha após a outra: trama de ação política

FOTOS: WARNER

ENGAJAMENTO BOMBÁSTICO

NOVO FILME DO MESTRE PAUL THOMAS ANDERSON MISTURA DRAMA, CRÍTICAS SOCIAIS E A FORÇA DE PERSONAGENS FEMININOS, NUM CARROSSEL EMOCIONAL ANCORADO PELA LITERATURA DE THOMAS PYNCHON

Ricardo Daehn

Um império do medo e de fascismo delineou o livro *Vineland*, de Thomas Pynchon, agora, no cinema, adaptado por Paul Thomas Anderson, que incorporou debates sobre a “maldita” mestiçagem, expostas em preconceitos gritantes, e uma corrente de ações de guerrilheiros libertários que desemboca em enorme repercussão no futuro dos personagens de

Leonardo DiCaprio e Chase In-finity, pela ordem, Bob e Willa, na telona. Citando o clássico *A Batalha de Argel* (1966), sem abrir mão de tons autorais, Anderson (num filme eletrizante) investe em elementos de cinema aos moldes de Oliver Stone, Christopher Nolan, Denis Ville-neuve e até Almodóvar.

Não à toa, o clima do filme vem em nervosa edição numa perseguição de carros em sinuosa estrada do deserto: são

muitos os elementos enca-deados — de vida dos “senhores supremos do capitalismo” passando por terrorismo e desembocando na declaração de guerra contra o governo — no enredo que destrinça eventos da organização política French 75. Uma espécie de seres lunáticos que vestem a carapuça reservada a um suposto “chamado” reservado para pessoas “superiores” (que remete a *O mestre*, de Paul Thomas) dá



Seann Penn em *Uma batalha após a outra*: humor ácido

espaço para uma composição ensandecida de Sean Penn, na pele do inescrupuloso Coronel Steven J. Lockjaw.

O dinâmico filme do mesmo realizador de *Boogie nights* e *Licorice Pizza* trata de traições (com diálogos pesados que citam de “filha de uma cadelas” a “mexicanos fedorentos”) e capricha na qualidade das combatentes femininas Perfidia (Teyana Taylor, no papel de uma raivosa grávida) e Juglepussey (Shayna McHayle), defensora do black power. Na base de um humor cortante, o diretor ainda explora a demência dos que querem impor limites para terceiros, com controles

como gaiolas para humanos e liquidação daquele que veem como “loucos e haters”.

Um mundo subterrâneo, feito de túneis e fugas, é imposto para alguns personagens como Bob e Sensei Sergio St. Carlos (um pacifista treinador de lutas, papel de Benicio Del Toro). Junto com a perfeita trilha sonora de Johnny Greenwood, músicas como *Soldier boy*, *Dirty work* e *Perfidia — mujer, si puedes tú con Dios hablar* criam perfeito ambiente, incrementadas pelo irretocável desenho de produção assinado por Florencia Martin (indicada ao Oscar por *Babilônia*). Um filmaço.